

Quarteto Casals Alexander Melnikov



04 nov 25

04 nov 25 TERÇA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Quarteto Casals

Vera Martínez Mehner Violino

Abel Tomàs Violino

Cristina Cordero Viola

Arnau Tomàs Violoncelo

Alexander Melnikov Piano

Joseph Haydn

Quarteto para Cordas em Ré maior, Hob.III:79 c. 20 min.

1. *Allegretto*
2. *Largo cantabile e mesto*
3. *Menuetto: Allegro*
4. *Finale: Presto*

Elisenda Fábregas

Fiery earth, para quarteto de cordas * c. 11 min.

INTERVALO

Dmitri Chostakovitch

Quinteto com Piano em Sol menor, op. 57 c. 35 min.

1. *Prelúdio: Lento – Poco più mosso – Lento (attacca)*
2. *Fuga: Adagio*
3. *Scherzo: Allegretto*
4. *Intermezzo: Lento (attacca)*
5. *Final: Allegretto*

* Primeira audição em Portugal.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40 MIN.
INTERVALO DE 20 MIN.

Joseph Haydn

(Rohrau, 1732 – Viena, 1809)

Quarteto para Cordas em Ré maior, Hob.III:79

—

COMPOSIÇÃO 1798

DURAÇÃO c. 20 min.

Os quartetos para cordas de Joseph Haydn marcaram o final do Classicismo. Neles, o experimentalismo do compositor consolidou-se e encarnou em obras fundamentais da música de câmara. Os seis Quartetos para Cordas op. 76 foram escritos em 1797 ou 1798 e constituem o último conjunto de obras desse género do compositor. Dedicados ao Conde Joseph Erdődy, ocupam um lugar destacado no percurso criativo de Haydn. Com a morte do Príncipe Nikolaus I de Esterházy, o seu maior patrono, o compositor foi aliviado de grande parte das suas funções da corte, mantendo-se como mestre-de-capela. Reconhecido internacionalmente, fixou-se em Viena e viajou pela Europa.

O Quarteto para Cordas em Ré maior, Hob.III:79, começa com um *Allegretto* na forma de tema e variações. A melodia *cantabile*, ritmicamente regular e de carácter rústico, é introduzida pelo primeiro violino. Ao longo das variações, Haydn apresenta sucessões de atmosferas contrastantes, em que o contraponto, assente em entradas sucessivas do tema, é misturado com elementos característicos da expressividade do tardo-Classicismo. Mudanças abruptas de textura e de ambiente, pausas carregadas de dramatismo e de instabilidade tonal

intercalam apresentações do tema. O virtuosismo, a sincopação, o diálogo entre os instrumentos e a alternância entre modo maior e menor destacam-se na simultaneidade das técnicas de variação e desenvolvimento temático que permeiam o andamento, que oscila entre o idílio campestre e a agitação do *Sturm und Drang*. Uma coda movimentada e intensa completa o andamento, que contrasta com o *Largo*. O seu carácter lírico e plácido desenrola-se em torno de dois temas pouco contrastantes, numa forma sonata sem desenvolvimento. O percurso tonal arrojado contribui para a sensação de imaterialidade, cuja primazia da melodia é reforçada pela surpresa e pelo uso contido do contraponto. O andamento seguinte encontra-se numa forma Minueto-Trio-Minueto, em que as secções extremas se caracterizam pela leveza e pelas acentuações, destacando as anacrusas. A repetição e a regularidade rítmica contrastam com um Trio em modo menor, protagonizado pelo violoncelo com acompanhamento dos restantes intervenientes. O quarteto termina com um andamento enérgico e rústico em forma rondó-sonata. O refrão sobrepõe uma melodia a um *ostinato*, intensificando a instabilidade e alimentando o virtuosismo dos músicos. O domínio do primeiro violino destaca-se em passagens de grande dramatismo, entrecortado por pausas e mudanças abruptas. A secção de desenvolvimento foca-se na célula percussiva inicial do refrão, misturando-se com ambientes leves de melodias sinuosas em que sobressai o carácter lúdico e humorístico.

JOÃO SILVA

Elisenda Fábregas

(Terrassa, Catalunha, 1955)

Fiery earth, para quarteto de cordas

COMPOSIÇÃO 2025

ESTREIA Barcelona, 19 de março de 2025

DURAÇÃO c. 11 min.

Elisenda Fábregas é uma figura destacada no panorama musical internacional. Nascida em Terrassa, na Catalunha, iniciou os estudos musicais nessa região até ao final da década de 70. Posteriormente, fixou-se em Nova Iorque, onde frequentou a Juilliard School of Music, diplomando-se em piano em 1983. Na altura, apresentou-se em prestigiadas salas de concerto e começou a compor. Prosseguiu a formação na mesma cidade, tendo obtido um Doutoramento em Pedagogia pela Columbia University (1992). Posteriormente, dedicou-se ao estudo da Composição, que se traduziu no Doutoramento realizado no Peabody Institute da John Hopkins University, em Baltimore, atribuído em 2011. Fixou-se em Seul, onde lecionou em diversas instituições e escreveu uma quantidade significativa de obras. A produção de Fábregas abarca diversas formações, da orquestra ao instrumento solo, passando por coros e agrupamentos de câmara. O seu estilo eclético e cosmopolita mistura a tradição erudita ocidental com elementos diversos da música tradicional de Espanha, das danças ao flamenco, passando pelas canções catalãs.

A sobreposição de materiais diversificados e a incorporação de aspetos do jazz norte-americano e das músicas da Ásia tornou-a uma voz ímpar no mundo da música contemporânea.

“*Fiery earth (Terra ardente)* é uma homenagem ao poder criativo da Terra, uma entidade imaginada como um organismo vivo, com os seus ciclos repetitivos de transformação e regeneração. A estrutura formal é uma *passacaglia* de um andamento, baseada num *ostinato* de três compassos que lembra o canto gregoriano, usado sob a forma de variação desenvolvida ao longo da peça, com texturas expansivas e camadas acumuladas, progredindo em andamento e dinâmica em direção a um final dramático. Este desenvolvimento temático é uma ‘metáfora’ para as transformações da Terra, embora esta obra não seja programática. A linguagem musical é modal/tonal, com algumas referências harmónicas à música de Espanha, embora integrada num idioma musical internacional contemporâneo.”

ELISENDA FÁBREGAS

Dmitri Chostakovitch

(São Petersburgo, 1906 – Moscovo, 1975)

Quinteto com Piano em Sol menor, op. 57

COMPOSIÇÃO 1940

ESTREIA Moscovo, 23 de novembro de 1940

DURAÇÃO c. 35 min.

Dmitri Chostakovitch é uma figura marcante da música soviética, apesar da sua difícil relação com o regime. Altamente influenciados pela tradições clássica e romântica, misturadas com uma visão muito particular do Modernismo, os seus quartetos para cordas alcançaram um lugar cimeiro na música do século XX.

Em 1938, Chostakovitch mudou o foco da sua produção de música sinfónica para o repertório camerístico, escrevendo o primeiro quarteto para cordas. Instado pelo Quarteto Beethoven, o agrupamento que estreou a obra e que ficaria indelevelmente ligado à música de Chostakovitch, o compositor dedicou-se à composição de um quinteto com piano. Na época, pairava a ameaça de guerra com a Alemanha nazi, conhecida posteriormente pela Grande Guerra Patriótica, na qual a União Soviética participou após a invasão alemã, em junho de 1941. O Quarteto Beethoven, formado por antigos alunos do Conservatório de Moscovo, estreou treze dos quinze quartetos e os seus membros foram dedicatários de peças de Chostakovitch. O quinteto foi escrito no verão de 1940 e estreado em Moscovo a 23 de novembro do mesmo ano,

com o compositor ao piano e o Quarteto Beethoven. A peça obteve grande sucesso público e as suas apresentações potenciaram a circulação do agrupamento e do compositor na União Soviética.

O quinteto começa com um Prelúdio, em que uma textura estilizada de *toccata* para piano solo apresenta a célula de três notas que Chostakovitch usará como motivo gerador da obra. O sabor modal e a sinuosidade das melodias sublinham um percurso angular e surpreendente que antecipa a entrada do quarteto, numa textura vertical e com materiais relacionados com a exposição do piano. O quarteto e o piano envolvem-se em jogos de pergunta-resposta, cedendo lugar a uma passagem escura protagonizada pelo piano e pela viola, à qual se adicionam, progressivamente, as outras cordas, quase sempre em paralelo ao piano. Um *tutti* intenso e em crescendo oscila entre duas notas, numa marcada trama contrapontística.

O segundo andamento é uma Fuga conduzida pelas cordas com surdina, que contrasta com o Prelúdio num emparelhamento que estiliza as formas barrocas. O tema consiste num lamento evocativo da dança, com o primeiro violino

procurando o caminho da obra, repetindo um motivo que se transforma em contratema e figurações ondulantes com a entrada do segundo violino. Seguem-se as entradas do violoncelo e da viola, que adensam a textura. Um ambiente pesado e escuro assombra o andamento, reforçado pela entrada do piano no registo grave, conduzindo a uma passagem desse instrumento em contraponto a duas vozes. O quarteto regressa sobre notas isoladas do piano, num *tutti* que sobrepõe fragmentos temáticos e reexposições inconclusivas do tema, deixando o ouvinte em suspenso até perto do fim.

O *Scherzo*, caótico, percussivo e vertical, sublinha o grotesco com a participação permanente do quinteto. O *Trio* apresenta uma melodia de sabor tradicional numa textura de marcha, remetendo para uma dança macabra protagonizada pelo primeiro violino e pelo piano. O andamento termina com o regresso do *Scherzo*, de forma percussiva e acentuada.

O *Intermezzo* é um momento contemplativo que apresenta a melodia principal sobre o *pizzicato* da voz mais grave. A entrada das cordas introduz uma textura vertical, interrompida por um interlúdio com as melodias disjuntas do piano. O violino regressa, criando uma atmosfera lírica e *cantabile* sobre o acompanhamento regular do piano. A contenção no contraponto prepara o regresso à atmosfera inicial, com o piano a fazer o papel inicial do *pizzicato* grave. O crescendo e a intensificação da expressividade conduz ao regresso do ambiente inicial, de quietude estática que suporta o lamento lírico, numa transição abrupta para um final leve e luminoso. A rusticidade, a troca de motivos entre os intervenientes, o contraponto e a percussividade enérgica remetem para o contexto da festa popular. O andamento recapitula elementos condensados dos anteriores, numa estilização complexa da forma sonata em que pontifica o contraste entre os diversos constituintes.

JOÃO SILVA

Quarteto Casals

Após quase três décadas de atividade, o Quarteto Casals estabeleceu-se como um dos principais quartetos de cordas a nível internacional. Fundado em 1997 na Escuela Reina Sofia, em Madrid, rapidamente ascendeu ao estatuto de convidado regular de prestigiadas salas de concerto, incluindo o Carnegie Hall de Nova Iorque, a Philharmonie de Berlim, a Cité de la Musique e a Philharmonie de Paris, o Konzerthaus e o Musikverein de Viena, o Concertgebouw de Amsterdão ou o Suntory Hall de Tóquio. Gravou uma substancial discografia (Harmonia Mundi), cujo repertório inclui obras de Bach, Haydn, Mozart, Beethoven e Schubert, bem como mestres do séc. XX como Debussy, Ravel, Bartók e Ligeti. Depois de receber o prestigioso *Borletti-Buitoni Trust*, em Londres, o Quarteto Casals iniciou a aquisição de um conjunto de réplicas de arcos dos períodos Barroco e Clássico, que utiliza na interpretação do repertório de Bach a Beethoven, um reflexo do seu profundo compromisso com a diversidade estilística. Desenvolveu assim uma nova e rica dimensão acústica, refinando a sua capacidade para abordar os diversos estilos musicais. Além disso, retirou importantes ensinamentos do seu trabalho com compositores em atividade como György Kurtág, tendo também estreado várias obras de compositores espanhóis, incluindo um concerto para quarteto de cordas e orquestra, de Francisco Coll, com a Orquestra Nacional de

Espanha, bem como encomendas de obras de Mauricio Sotelo, Benet Casablancas, Dahoud Salim, Lucio Amanti, Elisenda Fábregas, Aureliano Cattaneo e Matan Porat. Na temporada 2025/26, iniciam um projeto histórico: a interpretação da integral dos quartetos de cordas de Chostakovitch. A temporada conta ainda com digressões na América do Norte, bem como extensas apresentações na Europa, com concertos na Pierre Boulez Saal, em Berlim, na Fundação Gulbenkian, no Wigmore Hall de Londres, no Konserthuset de Estocolmo, na Bienal de Quartetos de Cordas de Amsterdão e no Musikverein de Viena. Paralelamente à sua agenda de concertos, o Quarteto Casals está profundamente envolvido na pedagogia, realizando residências na Scuola di Musica di Fiesole, na Escola Superior de Música da Catalunha e no Koninklijk Conservatorium Den Haag. Foi distinguido com o Prémio Nacional de Música de Espanha, o Prémio Nacional de Cultura da Catalunha e o Prémio Cidade de Barcelona. Os músicos tiveram ainda a rara honra de se apresentarem com os lendários instrumentos Stradivarius no Palácio Real de Madrid e, em reconhecimento da sua excelência artística e legado duradouro, foram agraciados com a Medalha de Honra da Rainha Sofia de Espanha. Além disso, são embaixadores culturais da Generalitat de Catalunya e do Institut Ramon Llull.

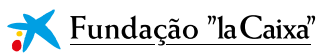
Alexander Melnikov

Alexander Melnikov diplomou-se pelo Conservatório de Moscovo, na classe de Lev Naumov. Nessa altura, destaca-se um encontro inicial com o lendário pianista Sviatoslav Richter, que o viria a convidar regularmente para festivais na Rússia e em França. Melnikov foi premiado em eminentes competições como o Concurso Internacional Robert Schumann (Zwickau, 1989) ou o Concurso Rainha Elisabeth (Bruxelas, 1991). Desde muito cedo, cultivou um interesse particular pelas interpretações de época. As suas maiores influências neste campo incluem Andreas Staier e Alexei Lubimov, bem como agrupamentos como Freiburger Barockorchester, Musica Aeterna ou Akademie für Alte Musik Berlin. Como solista, atuou com muitas das grandes orquestras mundiais, incluindo a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra de Filadélfia, a NDR Elbphilharmonie Orchester, a hr-Sinfonieorchester ou as Filarmónicas de Munique, Roterdão e da BBC, sob a direção de maestros como Mikhail Pletnev, Teodor Currentzis, Charles Dutoit, Paavo Järvi, Thomas Dausgaard, Maxim Emelyanychev ou Vladimir Jurowski. Uma parte essencial do trabalho de Alexander Melnikov está relacionada com a música

de câmara, em colaboração com artistas como o violoncelista Jean-Guihen Queyras ou a violinista Isabelle Faust, tendo realizado várias gravações que foram distinguidas com prémios internacionais.

Na temporada 2025/26, Alexander Melnikov apresenta-se de novo com prestigiadas orquestras, incluindo a NDR Elbphilharmonie Orchester, a Utopia Orchestra, a Filarmónica de Londres, a Sinfónica WDR de Colónia, a Filarmónica de Oslo, a Orquestra de Câmara de Paris, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra Barroca Finlandesa e a Akademie für Alte Musik Berlin, sob a direção de Maxim Emelyanychev, Tabita Berglund, Teodor Currentzis, Hannu Lintu, Natalia Ponomarchuk e Jan Söderblom. Continua a sua atividade no domínio da música de câmara, com Isabelle Faust, Jean-Guihen Queyras, o Quarteto Belcea, o Quarteto Casals, o Quatuor Danel e Julia Lezhneva. A sua mais recente gravação, “Visiting Rachmaninov”, com Julia Lezhneva (Harmonia Mundi, 2025), utiliza o grande piano do compositor na Villa Senar. Destacam-se ainda recitais no Wigmore Hall de Londres, no Flagey de Bruxelas e no Auditorium de Lyon, bem como uma digressão na Ásia que inclui concertos no Japão, em Hong Kong, na Coreia do Sul e na China.

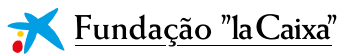
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

